



A PALAVRA É SUA

IDEOLOGIA DOS VALORES OLÍMPICOS

João Batista Freire
E.E.F. UNICAMP

O autor transcreve uma carta supostamente em contrada em um arquivo antigo, escrita por alguém não identificado, ao Barão Pierre de Coubertin, narrando acontecimentos do mundo esportivo no mundo atual, relacionando-os com a situação política e econômica. Tece críticas ao rumo que vem tomando o esporte de alta competição, ao uso das drogas no meio esportivo e à corporatização. Ainda questiona a chamada Ciência do Esporte e alerta para o difícil caminho a ser percorrido até que se constitua um consistente corpo científico no esporte.

Remexendo em escritos antigos, que tenho a mania de guardar, encontrei um lá não tão antigo assim, de alguém que não assinou o nome, assinalando apenas seus sentimentos.

Chamou-me a atenção o tal escrito, a tal ponto que o tomei como meu, para divulgá-lo tão logo surgisse uma oportunidade.

Que agora surgiu!

Exmo. Sr.
Barão Pierre de Coubertin
Cosmos.

Prezado Barão :

Venho adiando há muito a decisão de lhe escrever, ocupado que ando, e muito, com pessoas e coisas desta Terra, que já não é a sua.

Como aqui neste planeta muito se fala atualmente em valores olímpicos, assunto que lhe diz de perto, vi nisso uma oportunidade para retomar nosso colóquio, interrompido há quase uma década, em tempo aqui deste mundo.

Como o senhor sabe, não sou um especialista em ideologias. Não deixo, porém, de ser uma pessoa ideológica, sendo mortal e sendo homem, como o são todos os homens da Terra. Não é um comentário descabido, como o senhor verá. Peço-lhe, por favor, que leia com atenção minhas palavras de capitalista, que nunca escolheu sê-lo, mas que, tendo nascido assim, espera viver com intensidade e obter deste

mundo, mesmo no meio de tanta miséria, um certo tanto de felicidade. Um dos meus grandes problemas é que sou um capitalista sem capital, como quase todos os meus irmãos aqui do chamado terceiro mundo, ao contrário do senhor. Capitalista é como me chamam as pessoas do outro lado do mundo e que, por questões ideológicas, devem ser minhas inimigas. No entanto, o que permanece comum entre os homens do lado de lá e de cá do planeta, é que continuam infelizes sob todos os regimes, o que me aumenta o ceticismo.

Assim é o mundo atual Sr. Barão, mais dividido que na sua época, apesar de ser uma bola e, se dividido está, mais dividido estará, caso se cumpram as ameaças de um certo senhor Ronald Reagan e outros do seu quilate, de explodir sobre nossas cabeças um arsenal de bombas perto das quais aquela de Hiroshima não passaria de um traque.

Na verdade, não há nada de muito novo para contar. Dizem que o esporte é o maior fenômeno cultural do nosso tempo (não do seu, do meu). Eu, não sei os recordes não param de cair. Não há marca mundial ou olímpica que se sustente, a não ser a do Bob Beamon, ainda de 1968, de 8,90m no salto em distância.

O senhor sabe o que é transcendência, para onde, decerto, caminha o humano? Pois esse Beamon acho que deixou de ser um habitante típico desta Terra. Estaria melhor entre os habitantes do Olimpo. Uma vez eu tive que brigar com um sujeito que disse que atletas de alto nível são reduzidos a meras mercadorias. Fiquei imaginando que mercadoria poderia ter as emoções do Beamon, que até o paralisaram depois do salto. Ou seu sorriso largo depois de refeito do susto. Esse Beamon ainda está vivo em algum lugar por aí. Agora, por falar em semi-deuses, um que morreu foi o Mané Garrincha, brasileiro, vocês todos por



aí devem ter ouvido falar nele. Acho que ele nunca soube direito o que eram essas Olimpíadas. Era tão bom vê-lo jogar que o levaram cedo para morar entre Zeus, Áries, Apolo, que devem explodir em sonoras gargalhadas com seus dribles e seus casos. Apolo sentia inveja do Mané aqui na Terra, o senhor sabia?

O senhor já ouviu falar de Ciência do Esporte, ou Ciência do Treinamento Desportivo? Olha aqui, meu caro Barão, existe tanta ciência diferente aparecendo ultimamente que tem fila de espera para pesquisar os próximos problemas que surgirem. Já até se convencionou sectionar o homem em micro-fragmentos: um para cada ciência. Uma verdadeira guerra antropofágica. Tem cientista tão impaciente que pesquisa sem problema mesmo. Para mim, a maior descoberta científica do treinamento ainda é o Intervall Training, quase trinta anos depois. De lá para cá tem surgido mais tecnologia que ciência. Batizam técnicas de métodos. Inventam máquinas de força. Os homens do esporte continuam obcecados por músculos. Mas, a grande invenção, a maior invenção de todas mesmo, e essa o senhor não conhece, foi a aplicação em gente, de drogas que eram usadas quase só para engordar bois. Chamam-se anabolisantes (esteróides) e funcionam como mágica: para certas provas esportivas, quem não as toma não tem chance de vencer, dizem. Como falo contra elas, volta e meia alguém chega para mim e alega que, tomando só um pouquinho e com controle médico, não faz mal (será que tem médico que faz isso?) Pelo que sei, só um pouquinho não produz melhoras nos resultados. Droga é assim mesmo, começa sempre por um pouquinho. E tudo isso Sr. Barão, em nome do ideal olímpico.

Pesquisa-se muito também em torno dos neutralizantes de exames "anti-dopping". Os "anti-anti-dopping". Os textos ficarão obsoletos porque, em nome da ciência, será possível burlá-los. Na verdade, não sou contra o uso de drogas, mas acho que só se deveria tomá-las conscientes do que se está fazendo. Não posso ser contra nada que se faça com consciência. Confio no poder da consciência humana.

Estão abrindo mão da inteligência no esporte Sr. Barão! Ao invés de se procurar desenvolver o rendimento por outros métodos e técnicas que não os tra-

dicionais, apela-se para vários tipos de "dopping", como o químico, o financeiro, o patriótico, o psicológico, tudo em nome do ideal olímpico. Vejo isso como sintoma de que, ao invés de se procurar o desenvolvimento humano, busca-se a produção de uma mercadoria que não interessa ao homem. Foucault estava certo: o investimento capitalista dá-se cada vez mais diretamente no corpo dos indivíduos(2). Bem que poderíamos ter, no esporte, menos músculos e mais inteligência, mais cooperação. Veja que, ainda hoje, como no seu tempo, os atletas, com poucas exceções, são pessoas que apenas obedecem às ordens dos técnicos, dos médicos, dos dirigentes, dos massagistas, da torcida, dos políticos, dos jornalistas, dos padres, dos militares, dos empresários. Na visão de Humberto Eco(1), ele é o homem que ri, cada treino virou uma sessão de tortura. O prazer ficou reservado apenas aos momentos de vitória; aos perdedores, o limbo. Deveríamos solicitar mais da inteligência e menos das drogas e da tortura dos treinamentos. Que não se confunda treinamento desportivo com adestramento. Que não se confunda o pulo do canguru com o pulo do homem.

Uma ciência não se deveria fazer sem consciência(3). A ciência do esporte deveria ser uma ciência do homem, investigando e prevendo coisas que só o homem pode fazer. Uma foca pode equilibrar uma bola no nariz, até melhor que uma pessoa, mas só esta pode ter consciência do que está fazendo; a foca, até onde sabemos, não.

Não sei o que o senhor pensa disso, Sr. Barão, mas eu não poderia reconhecer como ciência do esporte procedimentos que não distinguem o humano do não humano, que não distinguem instintos de cultura, que não reconhecem sentimentos em meio aos movimentos.

Tenho a impressão de que nos empolgamos demais com a perspectiva de fazer ciência e não atinamos para o fato de que fazemos pouco mais que insignificantância como pesquisadores. Falta-nos auto-crítica. Se nossa expectativa fosse mais baixa creio que faríamos o nosso dia-a-dia com maior competência.



Bem, Sr. Barão de Coubertin, tudo isso de que lhe estou falando não faz parte só do mundo capitalista, que era o que o senhor conhecia nas competições de sua época. Hoje em dia os comunistas dominam boa parte do esporte olímpico e, se discordam dos capitalistas em outros aspectos da vida, concordam plenamente com o que descrevi do esporte, um pouco menos na questão do dinheiro. Os anabolisantes, por exemplo, servem tanto à ideologia capitalista quanto à socialista. Torturar atletas em treinamento usa-se igualmente nos dois lados do mundo, cada qual procurando provar as vantagens de seu regime. Justiça social, paz, liberdade, não se provam com saltos ou corridas. Por trás de toda essa paz olímpica tem sempre um insano cortando o orçamento da comida dos esfomeados, tem sempre um demente prestes a apertar o botão de uma guerra nuclear.

Se o senhor me permite, eu gostaria de mudar um pouco de assunto para me referir a um detalhe que o senhor mencionou com muita ênfase por ocasião daquela primeira olimpíada em 1896. Lembra-se? A frase era "O importante é competir". Foi uma frase levada muito a sério. Nunca houve nada levado tão a sério no esporte, talvez porque o esporte seja apenas um ritual onde os homens desfilam suas próprias vidas. Perceba como a plateia corre, salta e chuta junto com o jogador. O esporte é apenas um órgão do corpo social, um órgão produtor de símbolos coletivos. Nesse mundo do imaginário não podemos escolher entre o que é bom e o que é mau. É por isso que tantos monstros e assombrações habitam as fantasias das crianças. Talvez isso explique, em parte, porque as teorias idílicas sobre crianças, que não consideram sua perversidade, como disse certa vez Walter Benjamin, não conseguem compreendê-las.

O que vejo é que o esporte está doente porque, às vezes, ao invés de fantasias, apresenta-nos alucinações. Difícilmente um órgão de um corpo doente deixaria de ser afetado. E a nossa sociedade, Sr. Barão, anda muito doente, muito mais que no seu tempo, no mínimo porque tem mais gente. O senhor já ouviu falar em Cubatão, Chernobyl? Em Moçambi que, a cada quatro minutos uma criança morre de fome. Nos países chamados ri-

cos, a cada quatro minutos uma criança deve sofrer de indigestão por excesso de comida. Nas periferias de São Paulo, de Recife, moram os garotos chamados 'Pixotes', que a polícia, clinicamente, as assassina. O senhor sabia que o Brasil aumenta seu saldo comercial vendendo armas para matar pessoas pobres de outros países? Somos um dos países mais avançados na indústria da morte. Difícil pensar em esporte olímpico diante disso, não? Mas a gente pensa, e não só em participar, mas em ganhar. Os africanos, volta e meia aparecem com seus campeões olímpicos. Foi o povo africano que se desenvolveu? Os brancos da África do Sul deram uma folguinha? Não, os africanos é que foram treinar nos EUA. O Brasil andou ganhando umas medalhas em Los Angeles em 1984. Também mandamos nossos talentos para os EUA.

Eu sempre pensei que um atleta olímpico deveria expressar, de alguma forma o desenvolvimento de seu país. Terá sido o caso do João do Pulo, aquele do salto triplo? A extensão de seus saltos foi bem maior que a dos saltos do desenvolvimento de seu país. E ele foi um só. No fim, não adianta nada esse artifício de querer mostrar um país inexistente pelo sucesso de um ou outro atleta de talento. Os vencedores são sempre os ricos, desde o seu tempo, Sr. Barão.

Recentemente um locutor de televisão e empresário declarou que, se não se puder dar mais nada ao pobre, que se dê a ele esporte. Sempre a idéia de dar. Fiquei imaginando como seria esse sem nada e com esporte. Coisa para a Rede Globo ou o Spielberg. Mas, não há esse risco: esporte não se dá: esporte se cultiva com ossos, músculos, sangue, emoções, sexo, história.

E por que aquela sua célebre frase pegou tanto Sr. Barão? O esporte não pode ser uma atividade só de competição, porque senão, não seria necessariamente humano. Qualquer outro animal compete. A competição tem sido fundamental para a sobrevivência de nossa espécie, reconheço, mas não merece o peso que tomou. No esporte, como na sociedade, o mais importante passou a ser competir, e só competir. Falta ao esporte os temperos necessários ao equilíbrio, como o amor, a solidariedade, a justiça. A com



petição tem subtraído aos outros elementos e funções indispensáveis a uma vida sadia. Assistimos, Sr. Barão, a uma exacerbação crescente e desmensurada da competição.

O esporte correria o risco de se tornar apenas o ritual de uma patologia, não fosse o que ainda podemos detectar de humano em sua prática. Se conseguimos enxergar o humano no esporte é porque a sociedade, apesar de suas doenças, ainda vive dos esforços que o amor, a esperança, a poesia, a inteligência ainda desenvolvem, mesmo espremidos pelo peso de uma tecnocracia estéril.

O esporte, se reflexo de um tempo, de uma história, de uma cultura, é também alimento. Mais que em qualquer outro lugar, é nos campos de futebol que tenho visto os machos de nossa espécie se abraçando, se beijando e chorando, após o momento mágico do gol. Há muito de espaço humano para se cultivar no esporte. Creio que um atleta nunca será reduzido a uma simples mercadoria, como tentou me provar através de uma fórmula mecânica, um "marxista" desavisado, pois mercadorias não choram, não riem, não se deprimem..

Ainda queria dizer umas últimas palavras.

O esporte deveria constituir uma forma de caminhar na criação de uma espécie verdadeiramente humana. Deve haver um limite para essa exacerbação da competição no esporte, caso contrário, no fim só restaria uma equipe. O Rolerball não é uma ficção insensata, mas uma projeção compreensível do esporte patológico, dado o rumo que o esporte e a sociedade tomaram. Se Hiroshima e Nagasaki destruídas não tivessem tido como consequência o fim da guerra, os aliados iriam destruir, quem sabe, o Japão inteiro. Hoje já não bastaria essa porção de mundo. A guerra nuclear teria que varrer da face da Terra um dos lados do Planeta, o que inviabilizaria a vida na outra metade. Ou seja, não haveria vencedor, simplesmente porque não existiria um vencido. Não haveria nada! O limite extremo da competição seria a impossibilidade de vitória-o empate final!

Espero que o senhor tenha paciência para considerar com atenção minhas ponderações sobre aquela sua frase célebre,

Sr. Barão. Se puder, mande daí uma força para aqueles que querem fazer do esporte uma atividade mais humana.

Respeitosamente.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FOUCALT, M. Microfísica do poder. Graal, Rio de Janeiro, 1986.
2. ECO, H. Viagem na irrealidade cotidiana, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.
3. MORIN, E. Ciência com consciência. Europa América, Lisboa.

